

# A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO MORAL DA CRIANÇA

Diana Daiara Araújo Santos<sup>1</sup>  
Elena Esteban Del Valle<sup>2</sup>  
Francielle Lima Caprio<sup>3</sup>  
Juliana Santos da Silva<sup>4</sup>  
Lays Cândido Alves<sup>5</sup>

## RESUMO

Este artigo foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, objetivando ser uma breve revisão, apresentando a importância da afetividade no desenvolvimento moral da criança. Justifica-se o presente estudo no sentido de capacitar professores sobre a importância da aplicabilidade de práticas educativas que permeiam a formação da moralidade infantil. Como resultado, verifica-se que agir moralmente, segundo princípios éticos, depende do desenvolvimento da cognição e da afetividade da criança.

**Palavras-chave:** afetividade; cognição; desenvolvimento moral; práticas educativas.

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudantes do século XXI, inseridos em uma sociedade do conhecimento, demandam um olhar do educador, focado na compreensão dos processos de desenvolvimento da criança e na promoção desses processos por meio de uma nova concepção de como eles ocorrem, independentemente de quem é o sujeito e das suas condições circundantes. Um futuro marcado pela aceleração e pela transitoriedade das informações, o centro das atenções passa a ser o sujeito, que aprende a despeito da diversidade e da multiplicidade dos elementos envolvidos nesse processo. Segundo Vinha (1999), a moralidade compreende uma série de regras, e a legitimidade dessas regras está na necessidade da convivência entre as pessoas que vivem coletivamente.

Diante desse cenário, refletir sobre afetividade e o desenvolvimento moral da criança torna-se um imperativo ao professor. Na perspectiva Psicogenética, Piaget descreve o desenvolvimento humano em quatro períodos: sensório-motor (zero a dois

---

1 Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, [dianadaraujo24@gmail.com](mailto:dianadaraujo24@gmail.com);

2 Professora orientadora, Centro Universitário Paulistano, [elena.edv@gmail.com](mailto:elena.edv@gmail.com);

3 Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, [francielle\\_decaprio@hotmail.com](mailto:francielle_decaprio@hotmail.com);

4 Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, [julianassil01@gmail.com](mailto:julianassil01@gmail.com);

5 Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistano, [lays.cabdidoalves@hotmail.com](mailto:lays.cabdidoalves@hotmail.com).

anos), pré-operatório (dois a sete anos), operações concretas (sete a onze ou doze anos) e operações formais (onze ou doze anos de idade, em diante). E, possuem dois componentes indissociáveis: o afetivo e o cognitivo.

A afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão esta a seu serviço. (La Taille *et al.*, 1992, p. 65).

Diante do exposto, o presente trabalho propõe como objetivo central buscar informações sobre o embasamento teórico, do desenvolvimento moral e afetivo da criança, de modo a contribuir com a formação continuada do educador e oferecer-lhe condições de repensar sua prática educativa, como resposta ao questionamento: agir moralmente, segundo princípios éticos, depende do desenvolvimento da cognição e da afetividade da criança?

## **2 AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Tanto Jean Piaget (1896-1980) como Lev Vygotsky (1896-1934), já atribuíam importância à afetividade no processo evolutivo do ser humano, mas foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundou na questão. De acordo com Eugene Bleuler (1925), afetividade é a habilidade humana para experimentar emoções e sentimentos positivos ou negativos e a eles reagir. Cada fenômeno (emoção, estado de ânimo, preferência, atitude, disposição afetiva ou traço de personalidade e postura afetiva) difere em termos da origem, da função, da intensidade, da duração, das reações corporais e das ações comportamentais. Ele defende que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma.

A afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo. Demonstrações de carinho e afetividade é uma das características essenciais para a vida e contribui para o desenvolvimento integral da criança. Observamos que as crianças tratadas com respeito, empatia, e afeto têm maiores chances de se desenvolverem emocionalmente e intelectualmente,

do que crianças tratadas com constantes rejeições, presença de brigas, xingamentos, ofensas e gritos.

Uma criança com um aparelho fonador em perfeitas condições, por exemplo, só vai desenvolver a fala se estiver em um ambiente que desperte isso, com falantes que possam ser imitados e outros mecanismos de aprendizagem. (Wallon, 1999, p. 42).

Wallon defende que o indivíduo nasce com um equipamento orgânico, que lhe confere determinados recursos, mas é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam.

## 2.1 AFETIVIDADE E COGNIÇÃO

O afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência.

Cognição é o processo ou ato de conhecer. Envolve conceitos como pensamento, raciocínio, percepção, imaginação, linguagem, atenção e memória. Pensar e sentir são ações indissociáveis, ou seja, não tem como fazer um sem fazer o outro junto é involuntário a nossa vontade. (Teixeira, 2015, p. 62).

Segundo Piaget (1977), afetividade e cognição aparecem como complementar e indissociável de toda conduta humana.

Vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturas e valorizações... Assim é que não se poderia raciocinar, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão... O ato de inteligência pressupõe, pois, uma regulação energética interna (interesse, esforço, facilidade)... (Piaget, 1977, p.16).

Como descrito, sem afeto, não há interesse, necessidade e motivação pela aprendizagem, não há questionamentos, e sem eles, não há desenvolvimento mental. Afetividade e inteligência se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. Piaget afirma que, em toda e qualquer conduta, nós temos os instrumentos ou a técnica (os movimentos e a inteligência) e ela implica modificações e valores finais, o valor dos fins (os sentimentos), ou seja, o dinamismo energético. Dessa forma, ele considera que não há ação puramente intelectual, nem atos puramente afetivos. A seguir, apresentamos uma síntese das principais características e construções afetivas nos estágios de desenvolvimento de Piaget.

**Quadro 1 - Correspondência entre os aspectos cognitivos e afetivos segundo Piaget**

| <b>INTELIGÊNCIA SENSÓRIO MOTORA</b>                                                                                                                                                                      | <b>SENTIMENTOS INTRAINDIVIDUAIS</b>                                                                                                                                                             |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Organizações Hereditárias – incluem reflexos e instintos presentes no nascimento.                                                                                                                        | Organizações Hereditárias – incluem os impulsos instintivos e todas as outras reações afetivas congênitas.                                                                                      |
| Primeiros Esquemas Adquiridos – incluem os primeiros hábitos e percepções, aparecendo antes da inteligência sensório-motora propriamente dita.                                                           | Primeiros Sentimentos Adquiridos – são sentimentos de alegria, tristeza, agradável, desagradável, ligados à percepção e sentimentos diferenciados de contentamento e descontentamento.          |
| Inteligência Sensório-Motora – incluem estrutura adquirida desde os 6 a 8 meses até a aquisição da linguagem, por volta do segundo ano.                                                                  | Afeto Regulando Comportamento Intencional - incluem sentimentos ligados à avaliação e retardamento da ação, reação como sentimentos de sucesso ou fracasso.                                     |
| <b>INTELIGÊNCIA VERBAL</b>                                                                                                                                                                               | <b>SENTIMENTOS INTERPESSOAIS</b>                                                                                                                                                                |
| Representações Pré-Operacionais – as ações começam a ser internalizadas. Apesar disso o pensamento ainda não é reversível.                                                                               | Afetos Intuitivos – incluem os sentimentos interpessoais elementares e o começo dos sentimentos morais.                                                                                         |
| Operações Concretas (7-8 anos até os 10-11 anos aproximadamente) – marcada pela aquisição das operações elementares de classes e relações. O pensamento formal ainda não é possível.                     | Afetos Normativos – este estágio é caracterizado pelo sentimento moral autônomo, intervindo na decisão. O que é justo, ou não, não depende mais da obediência a uma regra.                      |
| Operações Formais – este estágio tem início por volta dos 11/12 anos e completamente realizado por volta dos 14/15 anos. O pensamento é caracterizado pela lógica das proposições liberadas do conteúdo. | Sentimentos Idealistas – sentimentos dirigidos às ideais coletivos. Paralelamente a isto está a elaboração da personalidade, cujos papéis e objetivos do indivíduo são dirigidos à vida social. |

Fonte: Piaget (1981, p.14)

### **3 AFETIVIDADE: MOTRIZ PARA DESENVOLVIMENTO MORAL**

Como vimos em Piaget (1981), não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. No que diz respeito a aspectos cognitivos e afetivos presentes na organização do pensamento, fundamentando-nos na Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento e em seus pressupostos, realizamos um trabalho de investigação (Arantes, 2000), que nos permitiu adentrar no estudo acerca da correlação entre os aspectos afetivos e

cognitivos subjacentes ao funcionamento psíquico. Podemos identificar como as pessoas pensam e analisam uma determinada situação de acordo com seus estados emocionais. Gurgel (2009, p. 1) afirma que: “Distinguir entre certo e errado e agir segundo princípios éticos depende do desenvolvimento da cognição e da afetividade de crianças e jovens.”

Vários autores dedicaram seus estudos quanto o desenvolvimento da moralidade do ser humano: Dewey, Durkheim, Falconet, Bovet, Baldwin, entre outros, assim como Kohlberg teve sua contribuição em termos desenvolvimentista do raciocínio moral. Portanto, podemos apontar diferentes formas de se conceber a dimensão moral. Nossa discussão nesse âmbito seguirá sobre a perspectiva da teoria de Piaget, segundo a Epistemologia Genética. Na perspectiva piagetiana, o que levou aos resultados foram suas pesquisas que comprovaram que a criança tem uma lógica própria, de acordo com as suas estruturas mentais que ainda não permitem uma apropriação mais racional das regras. Isso porque seu pensamento ainda é egocêntrico, o que faz com que a criança acredite que o mundo é da forma como ela o vê o sente, não permitindo realizar diferenciações entre o seu ponto de vista e o de outra pessoa, outras perspectivas, portanto, estabelecer relações e coordenações entre os mesmos.

O desenvolvimento moral do ser humano inicia-se nas relações que ele estabelece com o meio a qual está inserido. Essas relações são norteadas por valores, princípios e regras para um convívio coletivo. Há um tempo, pensava-se que as crianças já nasciam com a moral estabelecida, foi com o tempo e a partir de observações que verificaram a existência de algumas fases para essas evoluções. Como no caso de pedir a uma criança bem pequena, para fazer uma ação que não é bem vista pela sociedade, tal como jogar uma pedra em um animal. É provável que essa criança o faça, pois ela ainda tem estímulos por ação, não ponderando ainda o que é certo ou errado, visto que seu juízo de valor ainda não está construído.

Piaget elaborou contribuições relevantes no entendimento da formação do comportamento moral. Sua teoria permite compreender como a criança aprende a formar noções sobre o que é certo ou errado. Para ele, a moral não é inata no indivíduo, sendo, portanto, construída a partir das relações do indivíduo com o grupo social.

As pesquisas de Piaget, o fez perceber que, “o desenvolvimento moral na criança caracteriza-se por etapas, de acordo com as fases do desenvolvimento humano e os jogos colaboram com o processo de moralidade” (Piaget, 1977, p. 11).

Piaget, ainda, argumenta que o desenvolvimento da moral abrange três fases, denominadas:

a) Anomia: se dá pela ausência de regras (características de um recém-nascido), trata do momento em que a criança acredita que, é amparada 100% dependente de um responsável, seja ele os pais ou professor, precisa então obedecê-lo, simplesmente por necessidade, isso ocorre até os 5 anos de idade. Anomia significa a ausência do sentimento de cumprimento das regras, uma vez que: “[...] as regras derivadas da moral ainda não estão associadas, para a criança, a valores como o bem e o mal, o certo e o errado. [...] trata de hábitos de conduta: são apenas coisas que se fazem.” (La Taille, 2006, p. 97).

b) Heteronomia: é a presença de regras de fontes variadas (toma consciência do que pode ou não fazer, mas as regras são externas a si próprias: Deus, família, sociedade). É o momento em que a criança entende que existem regras para cada coisa, e elas precisam ser cumpridas, do contrário, algo ruim pode acontecer com elas, como castigos e punições. Por já serem um pouco maiores, na faixa de 5 anos de idade, até próximo aos 11 anos, elas já conseguem compreender essas medidas, e obedecem, mas ainda não conseguem entender o porquê de tudo isso, caso o adulto o questione do por que não pode fazer determinada coisa que é considerada errado, essa criança não terá nenhum argumento para responder, afirmando que é “porque não pode”. Para Kami (2010), a epistemologia genética, observada por Piaget, surge da ideia de que construímos nossos conhecimentos físicos, sociais ou lógico matemáticos.

c) Autonomia: é fase da internalização das regras (sabe o que pode e não pode por si próprio). Fase em que o indivíduo já consegue “cuidar de si”, pensar criticamente, já tem suas ideias mais estabelecidas, e por isso, passa a questionar, o porquê de certas coisas, o porquê devem fazer isto ou aquilo. Para que esses estágios também evoluam, Piaget coloca que são necessárias algumas materialidades, o meio e as pessoas que cercam essa criança, servindo de estímulos para que ela possa ampliar sua observação e sua relação com as pessoas.

Por que é importante saber sobre esses estágios da criança? Os pais ou professores, que compreendem a fase em que a criança encontra-se nesse processo, colocam-se na mesma linha de visão que ela, e poderá estimulá-la com mais facilidade a se desenvolver, e caminhar para a próxima fase, e esse vínculo onde a criança percebe que o responsável se preocupa com seu processo, e quer torná-la uma pessoa melhor, é muito importante para a criança, pois sair do campo em que seu professor está ali apenas para estimulá-lo cognitivamente, e entende-se também que o mesmo quer torná-lo acima de tudo, humano. Puig (1996, p. 49) afirma: “[...] nenhuma realidade moral é inata, mas sim resultante do desenvolvimento cognitivo e, sobretudo das relações sociais que a criança estabelece com os iguais” .

#### **4 O PAPEL DA ESCOLA E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO MORAL DA CRIANÇA**

Pais e mestres são figuras centrais no desenvolvimento de forma geral do indivíduo, ou seja, no julgamento que a criança tem sobre o que é certo ou errado; porém o verdadeiro responsável e protagonista é a própria criança frente ao seu amadurecimento. Ao longo da vida, ela vai adquirindo e somando valores e conjunto de ideias pessoais, formando o seu próprio pacote de valores, que refletirá em suas tomadas de decisões frente aos dilemas morais que encontrará em seu dia a dia.

Para Yves de La Taille (2008), indisciplina pode ser definida de três maneiras: a) falta de autodisciplina, b) desobediência, e c) desrespeito.

A primeira tem a ver como uma falta de organização do aluno quanto às responsabilidades, a segunda está relacionada à perda de autoridade do professor que não consegue legitimar a sua autoridade frente aos alunos e a terceira forma de indisciplina, o desrespeito, que além de apresentar uma falta de legitimidade da figura de autoridade do professor, há um desrespeito ao mesmo enquanto pessoa. Para o autor, a terceira forma de indisciplina é que está relacionada à questão moral.

Na educação infantil, primeira etapa da educação básica que tem como objetivo a formação integral do indivíduo de zero a cinco anos, acontecem inúmeras situações que envolvam regras, ordens. No entanto, muitas vezes o educador faz intervenções que não favorecem o desenvolvimento moral, com vistas à autonomia.

A escola precisa ser um espaço de possibilidades para a infância, deve propiciar o desenvolvimento integral da criança garantindo a promoção e a integração dos aspectos emocionais, físicos, afetivos, cognitivos e sociais. (BRASIL, 1998).

Temos muitas contribuições dos estudos da Psicologia, da Antropologia, da Pedagogia, da Epistemologia, dentre outras áreas, que poderiam colaborar para o desenvolvimento pleno da criança. Porém, ainda há muitos desafios a serem percorridos, que são tratados pela escola, tais como a queixa de professores com relação a problemas de indisciplina da criança, mas que deveriam ser olhados por diferentes perspectivas, que possibilitassem repensar as práticas dos adultos; as relações em sala de aula; a construção das regras; a organização de rotinas, as quais muitas vezes não contribuem para a construção de uma moral autônoma, o que implicará em problemas escolares posteriores e, mesmo, para além da escola.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Discorreremos nesse artigo a necessidade de novas práticas educativas, que coloquem os estudantes como protagonista do processo e o professor como um mediador para o aprendizado moral. A escola deve estar alicerçada nos pilares do que nos orientou Piaget diante de suas obras, como base e fundamentação a importância do investimento afetivo que devemos dar para nossas crianças.

Não é perder tempo deixar o esforço infantil adquirir sua maturação. Devemos dar-lhes condições de aprendizado, para que a criança possa construir em si o hábito da disciplina. Ele, no entanto, adverte contra a imposição de uma “obediência tão frequentemente desprovida de significação pela qual pretendemos preparar para a vida e que forma, afinal, para a revolta ou para a passividade” (Piaget, 1932/1994, p. 273). Se isso é verdade no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, tanto quanto o será no desenvolvimento moral.

La Taille (2002) assegurou que se alguma virtude torna-se objeto de paixão, pode vir a influenciar toda uma vida. Podemos dizer: se o conteúdo que a moral do bem veicula tornam-se, desde cedo, pela cooperação, valores nos quais as crianças investirão suas personalidades, eles poderão se tornar centrais em suas escolhas por uma vida boa e na maneira como gostarão de ser vistas pelas outras pessoas”.



Reforçamos a ideia de Piaget de que nunca há uma ação que seja puramente intelectual, assim como também não há atos que sejam puramente afetivos. Nessa perspectiva a afetividade e cognição tornam-se indissociáveis, e que a criança, ao ser motivada, age de acordo com a sua moral, podendo ter influências do meio em que vive, e que a afetividade é a energética que impulsiona as ações tendo como suporte a razão.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, V. **Cognição, Afetividade e Moralidade**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.26, n.2, p.137-153, jul./dez.2000.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

KAMII, C. **A Criança e o Número**. Trad. Por Regina A. de Assis. Campinas: Editora Papirus, 2010.

LA TAILLE, Yves de. **Nossos Alunos Precisam de Princípios e não só de Regras**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/fala-mestre-yves-la-taille-466838.shtml>>. Nova Escola edição 213, junho/julho 2008. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

\_\_\_\_\_. **Moral e Ética: Dimensões Intelectuais e Afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1994.

\_\_\_\_\_. **Vergonha a Ferida Moral**. Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão. 21. ed. São Paulo: Summus, 1992, Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

NOVA ESCOLA: **Conceito de Afetividade de Henri Wallon**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>>. Acesso em: 01 out. 2020.

NOVA ESCOLA: **Uma Moral Para Agir no Mundo**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1958/uma-moral-para-agir-no-mundo#:~:text=Distinguir%20entre%20certo%20e%20errado,afetividade%20de%20crian%C3%A7as%20e%20jovens&text=Mas%2C%20na%20pr%C3%A1tica%2C%20o%20verdadeiro,um%20conjunto%20de%20valores%20pessoais>. Acesso em: 05 out. 2020.

PIAGET, J. **A Representação do Mundo na Criança**. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

\_\_\_\_\_ **O Desenvolvimento do Pensamento:** equilibração das estruturas cognitivas. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

\_\_\_\_\_ **O Juízo Moral da Criança.** São Paulo: Summus, 1994.

PUIG, J, M. **A Construção da personalidade Moral.** São Paulo: Ática, 1996.

VINHA, T. P. **O Educador e a Moralidade Infantil:** uma visão construtivista, Campinas, SP: Mercado das letras; São Paulo: FAPESP, 2000.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1999